

SALETE – UM ENDEREÇO PAROQUIAL DE RESISTÊNCIA

João Baptista Ferreira de MELLO
NeghaRIO – Núcleo de Estudos sobre Geografia Humanística, Artes e Cidade do
Rio de Janeiro
UERJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Rua São Francisco Xavier, 524 sala 4118 F
Rio de Janeiro – Rio de Janeiro
neghario@uol.com.br

A pesquisa investiga o papel exercido pela igreja de Nossa Senhora da Salete e seu entorno profano procurando entender os seus diversos atributos, formas e significados. Esse monumento, dedicado ao sagrado, situado no bairro do Catumbi, entre a periferia da Área Central do Rio de Janeiro e a zona norte da cidade, tornou-se centro de fé, encontros e sociabilidade e seu espaço circundante, palco de manifestações profanas, impregnadas ou não de religiosidade. De toda sorte, esses mundos antagônicos e complementares, marcados pela efervescência de movimentos, criatividade, comoção e centralidades, concorrem para eleger, projetar e veicular geografias íntimas e/ou coletivas forjadas através das experiências vividas pelos indivíduos e grupos sociais.

As idéias acima – concernentes à afetividade, pertencimento e interiorização – são defendidas pelos geógrafos da corrente humanística em geografia. Por isso mesmo, suas bases conceituais são obedecidas para o estudo atingir os seus objetivos. Nestes termos, a pesquisa contribui para apontar o entendimento, o significado e o sentimento com respeito à igreja em foco e seus arredores profanos.

Marcas religiosas encontram-se nos nomes dos logradouros ou nas antigas freguesias e persistem nos estabelecimentos comerciais ou de serviços. Por outro lado, o templo em destaque assistiu a mudanças extraordinárias na forma, na função, no processo e nas expressões com respeito ao espaço urbano de suas

cercanias. Neste conjunto inserem-se abertura de túneis, construção de elevados, arrasamento de grande parte do casario de suas imediações e crescimento de favelas e o poder do narcoterror. Nestas condições, a igreja sofreu ou foi reduto privilegiado de embates provocados pela tirania de extraordinárias metamorfoses, além de projetar-se como referencial geográfico, sendo utilizada como indicador nas informações entre os transeuntes. Suas proximidades foram palco de manifestações como desfiles de escolas de samba, afora lugar de quermesses, procissões, negócios e o tradicional balé do lugar, empreendido por pessoas e veículos, na dinâmica coreografia exercida no vai e vem cotidiano (Seamon, 1980; Mello, 1991).

A pesquisa, nestes termos, aprecia esse “fixo social” (Santos, 1988), fruto do trabalho humano, como elemento relevante para a compreensão de parte da gênese, da expansão e do entendimento de um bairro da periferia Área Central do Rio de Janeiro, nos limites da zona norte da cidade, assolado ou mutilado pelas imposições das políticas públicas em uma porção do espaço urbano carioca.

A geografia, como apontou Cosgrove (1998), “está em toda parte” e, naturalmente, nesse centro de espiritualidade. Trata-se, pois, de uma temática “que une o urbano ao sagrado” (Corrêa, 1998:11) e uma contribuição com vistas ao reconhecimento do “sagrado como elemento de produção do espaço” (Rosendahl, 1998:13), transcendendo tal condição e transbordando sua aura pelo entorno imediato.

A presente comunicação, identificando e considerando todo um turbilhão de solenidades religiosas e profanas, focaliza este lugar sagrado, centro de devoção e espiritualidade e o lugar profano circundante “desprovido de sacralidade”, situado “estrategicamente ao ‘redor’ e em ‘frente’ ao espaço sagrado” (Rosendahl, 1999:239). Diante do exposto, a igreja, alçada ao patamar de centro/ referencial/ e símbolo local, confunde-se com a própria alma/ cultura/ história/ geografia de uma porção do espaço urbano carioca.

Material teórico conceitual

O estudo, vale frisar, comunga com a idéia de que o lugar-tempo sagrado e o lugar-tempo profano constituem fontes relevantes de consultas e vias “de acesso à compreensão do urbano” (Rosendahl, 1999:12), na medida em que as marcas ou

grafias impressas pelo homem sobre a superfície terrestre transcendem a simples condição da aparência/vitrine sendo portadoras “de significados expressando valores, crenças, mitos e utopias” integrando, assim, “a dimensão simbólica” (Corrêa, 1998:8). Nos postulados fenomenológicos, seguidos pela geografia humanística, não existem formas ou marcas em si. A “aparência física é meramente um veículo de significado em potencial. Não importa a forma que tenha, uma aparência física torna-se marca ou signo somente em virtude do significado que um ser humano ou grupo de seres humanos lhe atribui” (Wagner, 1979:20).

A igreja da "Salette", como defendido acima, não está, portanto, restrita às suas formas ou ao halo sacrossanto de suas atividades, pois no transcurso do tempo outras funções e significados continuam emanando desse centro receptor ou irradiador de fluxos (Santos, 1988; Corrêa, 1997; Mello, 2002a ; 2002b).

Construir e/ou restaurar o significado dos lugares é, na realidade, uma tarefa difícil de ser realizada, seja com relação à atualidade ou, sobretudo, embrenhando-se ou remetendo-se aos tempos pretéritos. Como nas palavras de Lowenthal (1985) “o passado é um país estrangeiro”, endereço de difícil penetração e domínio (Mello, 2000). Todavia, os geógrafos têm insistido na tentativa de ancorar e (re)descobrir a feição e as expressões que os lugares assumiram outrora. No caso específico da igreja de Nossa Senhora da Salette esta recuperação torna-se necessária para se entender a eternização de seus significados que, convém mais uma vez ressaltar, não se circunscreve à forma/aparência de sua torre gótica, das paredes, da fachada que demarcam a redoma desse santuário (Tuan, 1983; 1991; Lowenthal, 1985; Abreu, 1998; Mello, 2000; 2003).

Sagrado e profano – opostos, descontínuos e contínuos – apresentam hemisférios plenos de segregação e interação. “Limites existem em todos os lugares porque as ameaças são onipresentes”, como sentenciou Yi-Fu Tuan (1979:3). Esta esteira dicotômica, por vezes, desalinhavada, ora tecida no bojo de imbricações, extensão e exterioridade será um traço comum e prioritário para a elaboração do espaço e do lugar, conceitos matriciais da geografia humanística. Para esta perspectiva o espaço – amplo, temido, ignorado, estranho e a ser conquistado – difere do lugar, fechado, íntimo, humanizado, um mundo ordenado e com significado (Tuan, 1983; 1998; Mello, 1991), recortado nas experiências vividas do dia-a-dia e,

portanto, vívido, em sua condição de "estabilidade e confinamento" (Tuan, 1998:175). Na postura humanística em geografia, o lugar, somatório das dimensões simbólicas, emocionais, culturais e biológicas (Buttimer, 1985a; 1985b), freqüentemente possui uma expressão coletiva e, assim, pode ser convertido em símbolo de experiência comum que fomenta a unidade e o orgulho patriótico (García Ramon, 1985), regional, bairrista ou paroquial. Assim sucede, de um modo geral, com as igrejas constantemente acionadas para representar, ao mesmo tempo, meio de identificação e de valorização do lugar (Souto de Oliveira; Marcier, 1998). Neste sentido transformam-se em lugares promotores de experiências comuns, símbolos de grande ressonância e plenos de significados entrelaçados em momentos de recolhimento íntimo ou comunhão coletiva. Acolhidos no interior de um templo e compartilhando a fé com outros religiosos, os fiéis sentem-se entre os "seus" e, portanto, em seus lares ou lugares sagrados (Tuan, 1983; 1991; 1998; Mello, 1991; Maffesoli, 1997).

Uma outra questão relevante para o estudo da igreja da "Salette" e o espaço profano contíguo – direta ou indiretamente vinculado ao sagrado (Rosendahl, 2002) – utiliza como pilar a abordagem concernente às reformas urbanas, em decorrência dos impactos, transformações e metamorfoses sofridos pelo bairro no qual se encontra o templo. Para este enfoque diversas obras (Rocha, 1983; Abreu, 1997 e Lessa, 2000), entre outras, constituem sentinelas luminosas com vistas ao entendimento das políticas e cirurgia urbana ocorrida nesta parte da cidade e junto ao santuário em foco. Finalmente, a obra de Corrêa (2000), concernente ao espaço urbano, a questão da centralidade (Mello, 2002a; 2002b) e a literatura específica formam outros sustentáculos para a construção da pesquisa.

Com vistas ao levantamento das expressões geográficas, dos meandros culturais e dos processos históricos relativos ao templo em questão, ao referido templo e a conseqüente elaboração do estudo, uma pesquisa documental foi efetivada nos arquivos da igreja, nas bibliotecas Nacional e da Arquidiocese e, ainda, no Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro. Entrevistas com religiosos e leigos foram, da mesma forma, fontes relevantes de consulta, assim como os trabalhos de campo, com o propósito de mapear o seu interior e arredores. Salette – Um Endereço Paroquial de Resistência.

Da devoção à santa ao endereço paroquial de resistência

Os louvores à Senhora da Salete derivam de sua aparição em uma vila francesa situada a mil e seiscentos metros de altitude, nos Alpes europeus, onde hoje se encontra um imenso santuário no qual residem Missionários Saletinos e Irmãs de Nossa Senhora da Salete. Trata-se de um lugar pleno de centralidade visitado, diariamente, por milhares de romeiros provenientes de vários países do mundo.

No passado, em meio ao clima de injustiça e pobreza, em um ambiente desprovido de religião, "Salete" chegou vestida como uma simples camponesa, comungando com os trajes das mulheres camponesas da época. Na visão dos meninos Maximino e Melânia era a Bela Senhora, que lhes aparecera chorando no sábado, 19 de setembro de 1846. A partir de então, o culto à Senhora da Salete se espalhou, irradiando-se até o Brasil, quando em 1902 um grupo de missionários saletinos estabeleceu-se no bairro de Santana, em São Paulo. No Rio de Janeiro, os religiosos optaram pelo bairro do Catumbi, situado nos limites da periferia da Área Central da cidade e a Zona Norte. Primeiramente, ocuparam um velho casarão como residência e capela, no mesmo local onde, em 1918, lançaram a pedra fundamental da Igreja Matriz. No ano seguinte, os moradores convocaram o Prefeito Paulo de Frontin em socorro ao combalido estado de abandono do bairro e para mostrar a simplicidade da capela provisória. Finalmente, em 1927, a parte interna da igreja é inaugurada nas cores salmão e gelo e as laterais dominadas por vitrais representando o terço/mistérios de Maria e no exterior destacando-se a imponente torre desse templo gótico-colonial.

Desde o início, os saletinos desempenharam um papel importante junto à comunidade do Catumbi padecendo com a poluição de suas indústrias e enchentes que perturbavam a vida de relações do bairro. Os solidários missionários engajaram-se nas lutas e nos grandes desafios que atingiram a população nos domínios da paróquia, desde a epidemia da febre espanhola, que afligiu parte da população do Rio de Janeiro, no início do século vinte, igualmente na participação de iniciativas com vistas à melhor qualidade de vida dos moradores do Catumbi e até nas horas e conflitos mais desesperadores posicionando-se contra a destruição do bairro projetada pelo então Governo do Estado da Guanabara, nos idos dos anos sessenta

e setenta. Nestas circunstâncias, ações sociais e espiritualidade, bem como lugar profano e lugar sagrado se mesclam, fazendo com que o templo fosse eleito não apenas uma centralidade religiosa para onde os devotos se dirigem, como também um endereço difusor de idéias, afora combate e proteção. Por conseguinte, a igreja passou a ser por todos simplesmente chamada de "Salete", revelando um grau de intimidade que, na acepção da palavra, é a qualidade do "que está muito dentro" ou o "que atua no interior", como sublinham os dicionários. Essa relação de domínio e intimidade é preciosa, pois contribui para os estágios de pertencimento e interiorização, relevantes no processo de amor ao lugar vivido, ou seja, às geografias existenciais e/ou coletivas. No curso dessas manifestações de fé, júbilo, festividades e conflitos, bem como envolvimento que brotam com a experiência, a confiança e a afeição merecem destaque alguns acontecimentos direta ou indiretamente relacionados à paróquia em foco (Tuan, 1984a, 1984b, 1998; Nunes, 1990; Mello, 1993; Abreu, 1997).

Uma primeira grande obra a interferir no perfil do bairro do Catumbi e com desdobramentos posteriores junto à comunidade e a Igreja de Nossa Senhora Salete diz respeito à abertura do Túnel Santa Bárbara. Na realidade, os túneis constituem um grande sinal dos esforços do homem em modificar a natureza para viver a "boa vida", como apontariam os filósofos existencialistas (Tuan, 1986; Mello, 1993). Esses caminhos subterrâneos – muito embora vençam obstáculos, tais como morros e montanhas, permitindo o fluxo mais rápido de veículos – carregam, sobretudo no espaço intra-urbano, um rastro de dor e desolação coetâneo aos períodos de suas construções e destruições de áreas próximas. A propósito, o bairro em tela constitui um rico exemplo, neste sentido, pois sofreu sobremaneira com o aprontamento dos túneis Santa Bárbara – 1963 (conectando o Catumbi ao bairro das Laranjeiras, na Zona Sul da cidade) e Prefeito Martins Vaz – 1977, interligando as Ruas Frei Caneca e Henrique Valadares (Vogel, Ferreira dos Santos, 1981; Nunes, 1990; Mello, 1993; Abreu, 1997; Carvalho, 2000).

Desde 1927, quando da elaboração do Plano Agache, os proprietários de estabelecimentos comerciais e industriais e as pessoas domiciliadas em casas unifamiliares e cortiços do bairro do Catumbi suportaram, com temor e descrença, os constantes rumores e noticiários da imprensa, a respeito da desapropriação de seus imóveis. Mas somente no início da década de sessenta, durante a gestão do

Governo Carlos Lacerda, as obras relativas à abertura do túnel Santa Bárbara foram realmente efetivadas. Diversos imóveis, logradouros e a capela de Nossa Senhora da Conceição foram lenta e dolorosamente atingidos, mutilados ou, para usar a consagrada expressão popular, “riscados do mapa”, para agilizar a entrega ao tráfego, em 1963, do Túnel “Catumbi-Laranjeiras” e ainda para a perfuração das galerias pluviais, tendo em vista que o bairro, rodeado de morros (Santa Teresa, Coroa, Querosene, Catumbi, Mineira), era transformado, em dias de chuvas torrenciais, em uma “grande bacia hidrográfica”, com suas ruas formando “calhas” ou “caudalosos rios” de água barrenta, repletas de lixo que rolava das encostas do bairro de classe média de Santa Teresa e das favelas (Nunes, 1990; Mello, 1993; Carvalho, 2000).

No transcurso dos anos setenta, o bairro do Catumbi amargou um novo ciclo de arrasamento de vários quarteirões que, afora a inauguração do túnel Prefeito Martins Vaz, em 1977, permitiu a edificação de vias expressas, como os Elevados São Sebastião e 31 de Março. Como de hábito, no conjunto da reorganização do espaço, promovido pelas políticas públicas, os proprietários de unidades comerciais e prédios residenciais do bairro foram contemplados com indenizações irrisórias, restando aos inquilinos, além da amargura do despejo, as lembranças do antigo universo vivido.

A transformação espacial assistida pelo Catumbi, com a abertura de túneis e elevados, entre outras grandes obras, não rompeu de todo com os laços de amizade trançados ao longo de várias gerações de representantes das colônias portuguesa, espanhola, italiana e ciganos sedentários estabelecidos no local, transformado em lugar, por excelência. A reurbanização trouxe os laços de concreto (viadutos/vias expressas) para o fluxo do trânsito, nesse espaço não totalmente reestruturado em razão da luta da Associação de Moradores do Catumbi, dos padres da "Salette", dos comerciantes e populares unidos, em um movimento único, difícil de ser efetivado, em tempos da ditadura militar, sobretudo no período entre 20 e 26 de janeiro de 1967, com o estado da Guanabara sendo governado por Francisco Negrão de Lima, quando os sinais de atuação popular foram mais intensos.

Como se sabe, o poder público pretendia arrasar os bairros do Catumbi, Estácio e Mangue restando em toda essa porção espacial apenas o Cemitério de

São Francisco de Paula (popularmente chamado de Catumbi), mais a poderosa Fábrica de Cerveja Brahma e a Igreja de Nossa Senhora da Salete. Na contramão, os padres, empenhados nessa luta e na valorização da pessoa, foram presos, em 1970, sob a acusação de terrorismo ou subversão, ao responderem que não lhes interessariam apenas o “templo-pedra” (sem os fiéis) e continuaram protestando contra o decreto de desapropriação e destruição do bairro.

Neste clima de revolta, transformações e destruição, o Mangue, pleno de prostíbulos do baixo meretrício, foi (re)criado, na década de setenta, como Cidade Nova, com função administrativa. O Estácio continua sendo continuamente desfigurado, sobretudo com as obras de ampliação do metropolitano carioca. Em contrapartida, a veemência da comunidade do Catumbi, como um todo, logrou êxito, ainda que o bairro tenha sido marcadamente alterado em sua forma-aparência no transcurso de um processo de desmoronamento, permanência e expressões (Nunes, 1990; Mello; 1993; Abreu, 1997; Lessa, 2000; Ferreira dos Santos, 2003). Nestes termos, em 1980, a Prefeitura do Rio de Janeiro decretou o bairro do Catumbi como Área de Preservação Ambiental, resguardando-o dos constantes planos urbanísticos da cidade (Vogler; Ferreira dos Santos, 1981). Como resultado, nos dias de hoje, longe dos tempos do canto emocionado e triste das imensas procissões, que partiam da “Saleté”, da alegria/descontração dos carnavais de outrora, dos famosos blocos “Bafo da Onça”, “Vai quem Quer” e “Gelo”, permanecem cristalizados lado a lado o “antigo” e o “novo” na paisagem do Catumbi, diante das marcas do conflito Estado X Comunidade de bairro, através de casas e prédios humildes contrastando com algumas novas edificações e um emaranhado de laços de concreto que substituem, em grande parte, os laços de amizade tecidos no curso dos anos.

Dominando a paisagem, a igreja da “Saleté”, com sua magnífica e pontiaguda torre, persiste em sua centralidade religiosa, abrindo caminho para o leigo atuar na evangelização, nas diversas pastorais e, conseqüentemente, influenciando na organização da comunidade. Desse modo, em trabalho conjunto, leigos e sacerdotes formam cursos de evangelização, círculos bíblicos, grupos jovens de catequese e alfabetização, equipes de liturgia, quermesses e eventuais sessões de peças teatrais, cujos raios de ação se estendem, a despeito do domínio do

narcoterror, até às comunidades das favelas do entorno como as dos morros da Coroa, do Querosene e da Mineira.

Toda essa teia de enfrentamentos, ocorrências, recolhimentos e festividades transbordou da "Salette", por todo bairro (e favelas), e suas marcas estão nos letreiros dos estabelecimentos comerciais como padaria, farmácia, vidraçaria, entre outros e, transcendendo sua aura religiosa, como um endereço paroquial de resistência, introjetado na alma do povo do bairro do Catumbi.

Neste contexto, a "Salette", continua fazendo parte da vida da cidade, seja na devoção à santa, seja no vai e vem constante das pessoas em um dos pontos nobres do Centro da cidade, e, por isso mesmo, eternizando-se como uma referência geográfica com sua extraordinária centralidade de expressivo alcance espacial (Czajkowski, 2000; Mello, 2002; Telles, 2001; Siqueira, 2003).

Os laços estreitos tecidos ao longo do tempo entre refúgio e amplidão, claustro e ágora, na realidade, firmaram os elos topofílicos concernentes a todo tipo de ligação afetiva entre os seres humanos e a igreja ora em exposição, vínculos esses que "diferem profundamente em intensidade, sutileza e modo de expressão" (Tuan, 1980:107). Por topofilia, como se sabe, o geógrafo Yi-Fu Tuan (1974; 1980) e o filósofo Bachelard (1978) entendem o sentimento despertado pelo espaço apropriado, da convivência e da felicidade alçado, por conseguinte, ao nível de lugar vivido, do abrigo e da lida do dia-a-dia. Esses laços topofílicos concorrem para o estágio da agorafilia, a condição pertinente à filiação, à empatia, ao pertencimento ou ao amor a lugares amplos, públicos e abertos, bem como, nesse diapasão, à claustrofilia, sentimento relativo aos ambientes fechados. Neste caso, o lugar sagrado delimitado pelo templo, remete ao termo técnico inicial para os "lugares de contemplação" ou claustro, sinonímia para éden ou paraíso (Tuan, 1980). Hodiernamente, o interior do santuário dedicado à Senhora da Salette, metaforicamente entendido como claustro, e sua expansão profana tida como ágora, emergem livres dessas insígnias e, por vezes, se confundem, mesmo considerando-se que o profano nunca invade o sagrado porque se assim proceder este perde tal distinção (Tuan, 1974; 1980; 1983; 1991; 1999; Bachelard, 1978; Mello, 2000; 2002a; 2002b, Rosendahl, 2002).

À guisa de considerações finais

A pesquisa, com os propósitos acima referidos, procurou elucidar uma porção expressiva do espaço urbano carioca, a partir da contribuição e reverência à igreja da "Salette", selecionada como representativa da religiosidade, da relevância e das transformações espaciais ocorridas no entorno da Área Central do Rio de Janeiro e limites da zona norte da cidade.

Desse modo, perante a um quadro de metamorfoses, religião, cultura, história e atividades comuns ao dia-a-dia, o texto busca interpretar os significados de um lugar sagrado e seu entorno profano, constituindo-se, assim, em um outro enfoque para o entendimento de parte da geografia da cidade do Rio de Janeiro.

Referências

- ABREU, M. A. **Evolução urbana do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: IPLAN, 1997.
- ABREU, M. A. Sobre a Memória das Cidades. **Território**, Rio de Janeiro, nº 4, p. 5-26, janeiro/junho 1998.
- BACHELARD, G. A poética do espaço. Coleção **Os Pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- BUTTIMER, A. Aprendendo o dinamismo do mundo vivido. In: CHRISTOFOLETTI, A. **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: DIFEL, 1985a.
- BUTTIMER, A. Hogar, campo de movimento y sentido del lugar. In: GARCÍA RAMON, María Dolores. **Teoría y método en la geografía humana anglosajona**. Barcelona, Ariel, 1985b. pp. 227-241.
- CARVALHO, R. C. Rio de Janeiro uma cidade conectada por túneis. **Monografia de Pós-Graduação**. Rio de Janeiro: Departamento de Geografia – UERJ, 2000.
- CORRÊA, R. L. Interações Espaciais. In: CASTRO, I. E. et al. **Explorações Geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.
- CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (orgs.) **Manifestações da Cultura no Espaço**. Rio de Janeiro: Eduerj, 1999.
- CORRÊA, R. L. **O espaço urbano**. São Paulo: Ática, 2000. 94 p.
- COSGROVE, David. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: Eduerj, 1998.
- FERREIRA DOS SANTOS, É. No meio do caminho há uma Cidade Nova. **Dissertação de mestrado** (orientador J. B. F. de Mello). Rio de Janeiro, ENCE/IBGE, 2003
- GARCÍA RAMÓN, Ma. D. **Teoría y método en la geografía humana anglosajona**. Barcelona: Ariel, 1985.
- LESSA, C. **O Rio de todos os Brasis**. Rio de Janeiro, Record, 2000.
- LOWENTHAL, D. **The past is a foreign country**. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.
- MAFFESOLI, M. **A Transfiguração do político – a tribalização do mundo**. Porto Alegre: Sulina, 1997.
- MAURÍCIO, Augusto. **Igrejas Históricas do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Kosmos Editora/ SEEC, 1988.
- MELLO, J.B.F. de. O Rio de Janeiro dos compositores da música popular brasileira - 1928/1991 - uma introdução à geografia humanística. Orientador: R. L. Corrêa. **Dissertação de Mestrado**, Rio de Janeiro: Departamento de Geografia, UFRJ, 1991.

MELLO, J. B. F. de. A humanização da natureza - uma odisséia para a (re)conquista do paraíso. IN: SILVA, S. T.; Viana, O. M. **Geografia e questão ambiental**. Rio de Janeiro: IBGE, 1993.

MELLO, J.B.F. de. Dos espaços da escuridão aos lugares de extrema luminosidade - o universo da estrela Marlene como palco e documento para a construção de conceitos geográficos. Orientador: R. L. Corrêa. **Tese de Doutorado**. Rio de Janeiro: Departamento de Geografia, UFRJ, 2000.

MELLO, J.B.F. de Descortinando e (re)pensando categorias espaciais com base na obra de Yi-Fu Tuan. In: CORRÊA, R.L.; ROSENDAHL, Z. (orgs.). **Matrizes da geografia cultural**. Rio de Janeiro, EdUERj, 2001, p. 87-101.

MELLO, J.B.F. de. Explosões de centralidades na cidade do Rio de Janeiro. In: **Estudos de geografia fluminense**. MARAFON, G.; RIBEIRO, M. F. (org.). Rio de Janeiro: Livraria e Editora Infobook LTDA, 2002a.

MELLO, J. B. F. de. A geografia da Grande Tijuca na oralidade, no ritmo das canções e nos lugares centrais. Niterói: UFF, Departamento de Geografia. **Geographia**, 7: 72-91, 2002.

NUNES, G. **Catumbi, Rebelião de um povo traído**. Petrópolis: Vozes, 1990.

ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: Eduerj, 1998.

ROSENDAHL, Z. **Hierópolis: o sagrado e o urbano**. Rio de Janeiro: Eduerj, 1999. 110 p.

ROSENDAHL, Z. **Espaço e religião: uma abordagem geográfica**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: HUCITEC, 1988.

SEAMON, D. Body-subject, time-space routines, and place-ballets. In: BUTTIMER, Anne and SEAMON, David (eds.). **The Human Experience of Space and Place**. New York: St. Martin's Press, 1980a. 148-165 p.

SIQUEIRA, R. **Igrejas do Rio de Janeiro. História e devoção**. Rio de Janeiro: Luminatti Editora, 2003.

SOUTO DE OLIVEIRA, J.; MARCIER, M. H. A palavra é: favela. In: ZALUAR, A.; ALVITO, M. **Um século de favela**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998. pp. 61-114.

TUAN, Y. F. **Topophilia**. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall, 1974.

TUAN, Y. F. Sacred Space: explorations of an idea. In: Butzer, Karl W. (ed.). **Dimension of human geography**. University of Chicago, 1978. 84-100 p.

TUAN, Y. F. **Topofilia**. São Paulo: Difel, 1980.

TUAN, Y. F. **Espaço e lugar**. São Paulo: Difel, 1983.

TUAN, Y. F. **Dominance and Affection: The Making of Pets**. New Haven: Yale University Press, 1984a.

TUAN, Y. F. Continuity and Discontinuity. **The Geographical Review**. n°74(3) New York, 1984b.

TUAN, Y. F. **The good life**. Madison: The University of Wisconsin Press, 1986.

TUAN, Y. F. A view of geography. **Geographical Review**. 81 (1): 99-106, 1991.

TUAN, Y. F. **Escapism**. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1998.

TUAN, Y. F. **Who am I? An Autobiography of Emotion, Mind, and Spirit**. Wisconsin: University of Wisconsin Press, 1999.

VOGEL, A.; FERREIRA DOS SANTOS, C. N. (orgs.). **Quando a rua vira casa**. Rio de Janeiro: FINEP/IBAM, 1981.

WAGNER. **Fenomenologia e relações sociais**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.